



A LEI 10.639/03 E OS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA

Wellington Oliveira dos Santos¹

RESUMO

Neste texto temos como objetivo discutir formas de racismo presentes em livros didáticos de Geografia. Questionamos se a lei 10.639/03, no caso dos livros didáticos, tem produzido resultados. Para isso, apresentamos resultados de nossa pesquisa com os livros de Geografia aprovados para o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2010. Contamos 2,9 personagens brancos para cada personagem negro da amostra, e esse número variou de acordo com a editora. Mesmo com o edital do livro, que deve observar a lei 10.639/03, os negros ainda estão distantes de serem representados conforme a proporção populacional da sociedade brasileira, o que indica que a vigilância sobre o cumprimento da lei deve estar atenta, também, aos livros didáticos.

Palavras-chave: racismo; livro didático de Geografia; lei 10.639/03.

BRAZILIAN'S LAW 10.639/03 AND GEOGRAPHY TEXTBOOKS

ABSTRACT

This paper aims to discuss ways of racism present in Geography textbooks. We question whether the law 10.639/03, in the case of textbooks, has produced results. Thereunto, we present our research results with Geography textbooks approved by the *Programa Nacional do Livro Didático* (PNLD) 2010. We count 2.9 white characters for each black one and this number varied according to the book's publisher. Even with the announcement of the book, which must observe the law 10.639/03, blacks are still far from being represented according to the population proportion of Brazilian society, which indicates that surveillance on law enforcement must also be attentive to textbooks.

Key-words: racism; Geography textbooks; law 10.639/03.

LES LIVRES DIDACTIQUES DE LA GEOGRAPHIE ET LA LOI 10.639/03

RÉSUMÉ

Cet article vise à discuter des moyens de racisme présent dans les livres didactiques de la géographie. Nous nous interrogeons si la loi 10.639/03, dans le cas des manuels scolaires, a produit des résultats. Pour cela, nous présentons nos résultats de recherche avec les manuels de géographie approuvé pour *Programa Nacional do Livro Didático* (PNLD) 2010. Nous avons vérifié 2,9 caractères blancs pour chaque personnage noir, et ce nombre variait en fonction de l'éditeur du livre. Même avec l'annonce de la livre, qui doivent respecter les 10.639/03 de la loi, les noirs sont encore loin d'être représentée comme la proportion de la population de la société brésilienne, ce qui indique que la surveillance de l'application des lois doivent également être attentifs aux livres didactiques.

Mots-clés: racisme, les livres didactiques de la géographie; la loi 10.639/03.

Os critérios de combate ao racismo e de promoção da igualdade racial nos livros didáticos resultam, principalmente, de pressões feitas por pesquisadores e movimentos

¹Doutorando em Educação, pesquisador no Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB-UFPR), Universidade Federal do Paraná. Email: <psicologowell@gmail.com>. Endereço: Rua Sete de Setembro, 344, Jardim Palmares, Colombo, Paraná. CEP 83412-550.



sociais negros para mudanças na forma como a população negra brasileira vem sendo tratada no campo educacional. Neste sentido, o movimento negro tem feito pressões junto ao Estado para que aprove medidas que modifiquem a apresentação de negros nos currículos e materiais didáticos. A alteração feita na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 10.639/2003, que inclui o ensino de História e Cultura Afro-brasileira no currículo do Ensino Básico foi um primeiro passo para essa modificação. Tanto é que ela teve desdobramentos na política dos livros didáticos brasileiros: a partir do edital do PNLD de 2005, ficou estabelecido que tais livros também devem observar a Lei 10.639/2003 (PAIXÃO; CARVANO; ROSSETTO; MONTOVANELE, 2010).

A análise da presença de negros e brancos entre os personagens das ilustrações dos livros didáticos é importante para destacarmos o quanto os critérios dos editais dos livros didáticos, conforme definidos pelo Ministério da Educação (MEC), conseguem garantir que parte da diversidade étnico-racial brasileira esteja presente neste material, considerando a atual concentração de livros indicados nas mãos de poucos grupos editoriais. O texto busca avaliar, então, resultados de políticas educacionais que procuram garantir diversidade étnico-racial em livros didáticos.

Teoria utilizada: ideologia de Thompson

Tomamos os livros didáticos como formas simbólicas capazes de atuar, em contextos sócio-históricos específicos, de maneira a criar ou sustentar relações de dominação, conforme a proposta de John Thompson (1995). Para este autor, nas sociedades modernas, as formas simbólicas difundidas em larga escala, como os livros didáticos, têm papel fundamental na manutenção de desigualdades de acesso a bens materiais e simbólicos. Elas podem ser usadas para manter e sustentar relações de dominação entre indivíduos ou grupos de indivíduos. Nesse caso, as formas simbólicas estariam atuando de maneira ideológica² ou, em outras palavras, a serviço do poder. Poder, aqui, é acesso a bens materiais e simbólicos. Formas simbólicas são falas, ações, imagens, sons, escritas, entre outras que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos

² Sabemos dos diversos usos do termo ideologia nas ciências humanas e sociais; entretanto, para os objetivos deste texto, limitamos a apresentar a proposta de Thompson (1995). Para uma discussão mais detalhada, recomendamos leitura de Thompson (1995), Guareschi e Andrade (2001).

significativos (THOMPSON, 1995). Quando discute o papel das formas simbólicas nas sociedades contemporâneas, Thompson (1995) está interessado em como elas podem atuar de maneira ideológica; isto é, servindo em circunstâncias sócio-históricas específicas para estabelecer e sustentar relações de dominação. Estas relações não se restringem ou se submetem às relações do capitalismo: as desigualdades assimétricas podem ser baseadas em critérios raciais, sexuais, culturais, entre outros.

Thompson (1995) apresenta alguns modos de operação da ideologia; modos como o sentido pode servir para estabelecer e sustentar relações de dominação em contextos sócio-históricos específicos. Aqui destacamos os modos gerais de operação da ideologia: **legitimação**, **dissimulação**, **unificação**, **fragmentação**, **reificação** e **banalização**³. Estes não são os únicos modos que a ideologia pode operar, e nem sempre operam independentemente um do outro. Circunstâncias concretas é que indicam usos ideológicos das formas simbólicas.

Modos Gerais	Estratégias típicas de construção simbólica
Legitimação	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Racionalização</i> • <i>Universalização</i> • <i>Narrativização</i>
Dissimulação	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Deslocamento</i> • <i>Eufemização</i> • <i>Tropo</i> - <i>Sinédoque</i> - <i>Metonímia</i> - <i>Metáfora</i> • <i>Silêncio</i>
Unificação	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Padronização</i> • <i>Simbolização da unidade</i>
Fragmentação	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Diferenciação</i> • <i>Expurgo do outro</i> • <i>Estigmatização</i>

³ Como forma de ajudar na diferenciação de modos gerais e estratégias típicas adotamos, para destaque no QUADRO 1 e no decorrer do texto, o **negrito** para os **modos gerais** de operação da ideologia e o *itálico* para as *estratégias típicas*.

Reificação	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Naturalização</i> • <i>Eternalização</i> • <i>Nominalização</i> • <i>Passifização</i>
Banalização	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Divertimento</i> • <i>Fait-Divers</i> • <i>Ironia</i>

QUADRO 1 - Modos gerais e estratégias de operação da ideologia

FONTE: Adaptado de Thompson (1995, p.80-89), com aportes de Guareschi (2000, p.317-338), Andrade (2004, p.107-108) e Silva (2005).

Consideramos os livros didáticos formas simbólicas que podem ser relacionadas a outras, tais como a literatura, mas não deixamos de lado suas particularidades. Entre elas damos destaque ao discurso de ciência/verdade que acompanha estes livros; discurso este que também resulta da concepção dos didáticos como manuais de ensino de disciplinas aos estudantes. Como argumenta Apple (1995), o livro didático frequentemente define a cultura legítima⁴ a ser transmitida, estabelecendo grande parte das condições de ensino e aprendizagem em muitos países. Por essa razão ele é objeto de estudo e reflexão de pesquisadores, movimentos sociais e do próprio Estado, no que se refere ao combate a desigualdades socialmente construídas.

A permanência das desigualdades entre negros e brancos no Brasil costuma ser justificada como consequência direta da escravidão. Silva (2005) declara que tal argumento desconsidera as oportunidades de ascensão social após a abolição (ou mesmo antes, pois a maior parte dos negros já era livre antes da Lei Áurea) e ao racismo dirigido aos negros. Santos (1984) afirma que culpar a escravidão pelo fracasso dos negros em competir na sociedade moderna é uma espécie de estratégia para desviar a atenção do que mantém as desigualdades atuais, apontando para um passado que não pode ser alterado. Parte das desigualdades existentes é consequência de práticas sociais que privilegiam o grupo branco, desprezando a existência do negro (e do indígena) na sociedade brasileira.

O racismo no Brasil é interpretado, neste texto, como baseado principalmente nos traços físicos das pessoas, como cor de pele, formato do nariz, textura do cabelo. Tal racismo pode ser considerado de status, que privilegia os traços brancos em detrimento dos

⁴ A cultura que tende a ser considerada legítima é aquela dos grupos dominantes. De acordo com Apple, “[...] a escolha de conteúdos particulares e das formas como devem ser abordados na escola está relacionada tanto com as relações de dominação existentes quanto com as lutas para alterar essas relações” (1995, p. 84).

traços negros (GUIMARÃES, 1997). Ainda que em determinadas esferas da sociedade, negros e brancos convivam em igualdade, o que indica que as relações entre grupos raciais no Brasil podem ocorrer de maneiras horizontais (sem hierarquias) ou verticais (com hierarquias) (TELLES, 2003). As relações verticais tendem a considerar os traços físicos como marcadores de privilégios e, no racismo brasileiro, os traços físicos são usados para competir por bens materiais e simbólicos; ou seja, o racismo tende a se manifestar abertamente em espaços de competição (SANTOS, 1984).

Discurso racista em livros didáticos

Em revisão de literatura sobre racismo em livros didáticos e seu combate no Brasil, nas cinco últimas décadas do século XX, Rosemberg, Bazilli e Silva (2003) constataram que os resultados dos estudos com livros didáticos, que tiveram como marco o estudo de Dante Moreira Leite nos anos de 1950 (LEITE, 2008), já captavam a manifestação de formas de preconceito racial não explicitadas, como a não apresentação do negro na sociedade e/ou sua representação em situação socialmente inferior⁵. As produções mais recentes (décadas de 1980 e 1990) apontavam algumas mudanças, como maior humanização da criança negra; ausência de associação entre o negro e animais negros; destaque maior nas ilustrações; e maior diversificação de contextos sociais, familiares e profissionais na representação de negros, além de valoração positiva de traços físicos (ROSEMBERG; BAZILLI; SILVA, 2003). Os pesquisadores apontam a presença de discursos igualitaristas nos livros que conviviam com representações discriminatórias de personagens. Ou seja, ao mesmo tempo em que o tratamento igualitário é evocado pelos livros didáticos apoiando-se na mestiçagem da população brasileira, personagens negros continuam a ocupar menos posições de destaque, sendo, portanto, tratados de maneira desigual.

Algumas pesquisas com livros didáticos de Geografia evidenciam a existência/permanência de diversas formas de hierarquização racial entre negros e brancos. Tonini (2001), por exemplo, apresentou estudo com livros didáticos de Geografia de 7^a e 8^a séries do Ensino Fundamental. A autora constatou, entre outras coisas, que os livros de

⁵ Leite (2008 [original 1950]) destacou que os/as negros/as apareciam somente em situações subalternas, como empregados/as. Ele afirmou que “[...] a maneira de ver a posição das raças [inferiores e superiores] se traduz pelo lugar *destinado* aos negros no mundo social” (LEITE, 2008 [original 1950], p. 220, grifos do autor).

Geografia analisados colocam as identidades étnicas distintas da identidade da Europa/Estados Unidos como subalternas, hierarquizando os povos. Além disso, as representações do negro podem estar relacionadas à pobreza e desqualificação. Na pesquisa de Costa e Dutra (2009) sobre representação dos negros e da África em uma coleção de livros didáticos para as séries finais do Ensino Fundamental aprovada no PNLD/2008, negros e moradores do continente africano tenderam a aparecer em posições de baixo status, muitas vezes no mercado informal. No livro dedicado à formação da sociedade brasileira (6ª série), a contribuição do negro foi reduzida ao plano cultural, com a capoeira e as religiões de matriz africana.

Os resultados da pesquisa de Ratts et al. (2007) acerca da representação do negro e da África em ilustrações nas duas coleções de livros de Geografia destinados às séries finais do Ensino Fundamental mais utilizados na Rede Municipal de Ensino de Goiânia coincidem, em diversos aspectos, com os de Tonini (2001) e Costa e Dutra (2009). Nas coleções, pouca referência à população negra foi encontrada. Quando os negros e a África eram representados, eram em espaços estereotipados. Por exemplo, o caos e a miséria social são apresentados como homogêneos no continente africano. Quanto às práticas religiosas africanas, estas foram tratadas como fetichistas ou animistas. A participação de europeus ou outros povos no tráfico negreiro foi desconsiderada.

Por sua vez, Rodrigues e Cardoso (2010) apresentaram pesquisa na qual analisaram livros de História e Geografia com a temática da representação dos negros nos livros didáticos e a Lei 10.639/03, que trata do ensino de História e Cultura Afro-brasileira. Analisaram um livro de Geografia de 6ª série, de 2003, anterior à Lei 10.639/03; e um de 8ª série, posterior à referida lei, de 2007. Encontraram inúmeros estereótipos nos dois livros analisados, relacionando o negro à passividade e à inferioridade, o que consideram grave, já que a Geografia tem importante papel na temática afro-brasileira, notadamente na análise de diferentes territórios e grupos étnicos ao redor do globo. O livro editado antes da Lei 10.639/03 abordava temas relacionados à população negra no Brasil de maneira folclorizada, a partir do olhar do europeu. Poucas vezes os livros apresentaram visões positivas do continente africano, mesmo no caso do livro posterior à Lei 10.639/03 que, ao tratar do continente africano em diversos aspectos, acabou por dar muita ênfase à pobreza e ao elevado número de pessoas soropositivas no continente. Para os pesquisadores, este problema de estereótipos pode resultar em sua reprodução acerca da população negra em

sala de aula, principalmente quando associado ao pouco conhecimento acerca da Lei 10.639/03 pelos professores (RODRIGUES e CARDOSO, 2010).

Zago (2011) analisou três livros de Geografia recomendados pelo Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM) de 2008 - *Geografia: espaço e vivência* (editora Atual); *Geografia Geral do Brasil* (editora Saraiva) e *Geografia: Geografia Geral e do Brasil* (editora Ática). O autor constatou que os elementos positivos (contou 5), isto é, que valorizam o continente africano, apareceram de maneira pontual, como por exemplo ao fazer referência às civilizações antigas da África, às riquezas naturais (petróleo, carvão mineral) ou ao potencial econômico dos últimos anos da África do Sul (ZAGO, 2011). Por outro lado, os elementos negativos (contou 15), que depreciam o continente, apareceram de forma constante. Exemplos foram a referência à África no comércio de escravos do século XVI, assim como apontou Ratts et al. (2007); a epidemia da AIDS no continente; o subdesenvolvimento, a fome e os conflitos internos. Outra pesquisa, de Mota (2011), alerta para o fato de ilustrações, como as gravuras de Johann Moritz Rugendas, que são apresentadas nos livros didáticos de História e de Geografia, situam os negros em determinados espaços associados ao período em que vigorava o regime de escravidão.

As pesquisas indicam pouca participação de negros; porém, a simples inclusão deles nos livros didáticos de Geografia pode não ser suficiente para vencer determinadas formas de hierarquização racial. Santos (2012), em análise dos discursos presentes em livros de Geografia aprovados no PNLD/2010, verificou que, ao mesmo tempo em que os negros estavam sub-representados entre os personagens das ilustrações, os livros traziam contextos em que as diferenças construídas sócio-historicamente entre negros e brancos eram tratadas de maneira **banalizada**, desconsiderando as relações de poder entre os dois grupos raciais. Muitas vezes, a cor de pele era tratada como equivalente à diferença entre gordos e magros, por exemplo; mas, sem a apresentação de personagens negros condizente com a participação deste grupo racial na sociedade brasileira, estes contextos acabam por reforçar o lugar do branco como modelo de humanidade (SANTOS, 2012).

Em nossa opinião, uma crítica que pode ser feita à maior parte das pesquisas com livros de Geografia aqui apresentadas é que elas tendem a focalizar em demasia nos personagens negros, e acabam deixando de lado um estudo mais detalhado de como os brancos são tratados pelos livros didáticos. Isto pode ser visto já nos objetivos de muitas das pesquisas: apresentar como o negro, a África ou ambos são representados pelos livros de

Geografia. Acreditamos que, de certa forma, isso não apenas resulta da naturalização do branco como modelo de normalidade, mas também ajuda a manter esta situação.

O edital do livro didático de 2010, o Guia do livro e a temática étnico-racial

O edital do livro didático de 2010, já na sua introdução, apresenta preocupação com a promoção positiva da imagem de afrodescendentes e indígenas, e da temática de gênero, apontando para a promoção positiva da imagem da mulher. Também há a preocupação na abordagem da temática das relações étnico-raciais:

Quanto à construção de uma sociedade cidadã, os livros deverão:

1. promover positivamente a imagem da mulher, considerando sua participação em diferentes trabalhos e profissões e espaços de poder;
2. abordar a temática de gênero, da não violência contra a mulher, visando à construção de uma sociedade não sexista, justa e igualitária;
3. promover a imagem da mulher através do texto escrito, das ilustrações e das atividades dos livros didáticos, reforçando sua visibilidade;
4. promover positivamente a imagem de afrodescendentes e descendentes das etnias indígenas brasileiras, considerando sua participação em diferentes trabalhos e profissões e espaços de poder;
5. promover positivamente a cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros, dando visibilidade aos seus valores, tradições, organizações e saberes sociocientíficos;
6. abordar a temática das relações étnico-raciais, do preconceito, da discriminação racial e da violência correlata, visando à construção de uma sociedade antirracista, justa e igualitária (BRASIL, 2007, p. 31).

O edital de 2010 também aborda preconceitos étnico-raciais e de gênero nos critérios eliminatórios comuns a todas as áreas, afirmando que as obras não poderão “[...] veicular preconceitos de condição econômico-social, étnico-racial, gênero, linguagem e qualquer outra forma de discriminação [...]” (BRASIL, 2007, p. 31).

No edital de 2010 existe a preocupação com o papel desempenhado pelas ilustrações nos livros didáticos. Elas devem reproduzir “[...] adequadamente a diversidade étnica da população brasileira, a pluralidade social e cultural do país, não expressando, induzindo ou reforçando preconceitos e estereótipos [...]” (BRASIL, 2007, pp. 31-32).

A importância atribuída às ilustrações nos livros didáticos vem aumentando e, de acordo com Gonçalves (2006), que fez parte de uma das primeiras equipes de avaliação dos livros didáticos de História em meados dos anos 1990, “[...] as imagens, que eram meras

ilustrações em grande parte das obras que nos chegavam, transformaram-se paulatinamente e em várias coleções em verdadeiras fontes históricas, ajudando o estudante a construir o seu conhecimento” (GONÇALVES 2006, p. 142). Por esta razão, importa para nossa pesquisa saber como são apresentados personagens negros e brancos nas ilustrações dos livros, de acordo com o que o edital do PNLD afirma que eles (os livros) devem e o que eles não devem apresentar.

São as editoras as responsáveis pela produção dos livros; o Estado somente atua como avaliador do que foi produzido, afinal ele é o comprador. Existe tendência a um número cada vez menor de editoras participantes na venda de livros didáticos ao PNLD. Este número caiu de 29 no PNLD/1996 (o primeiro) para 17 no PNLD/2010 (ver Gráfico 1). Do PNLD/1996 ao PNLD/2000, o número de editoras ainda estava acima da casa dos 20. A partir do PNLD/2002, o número cai para 18 e permanece abaixo deste número.

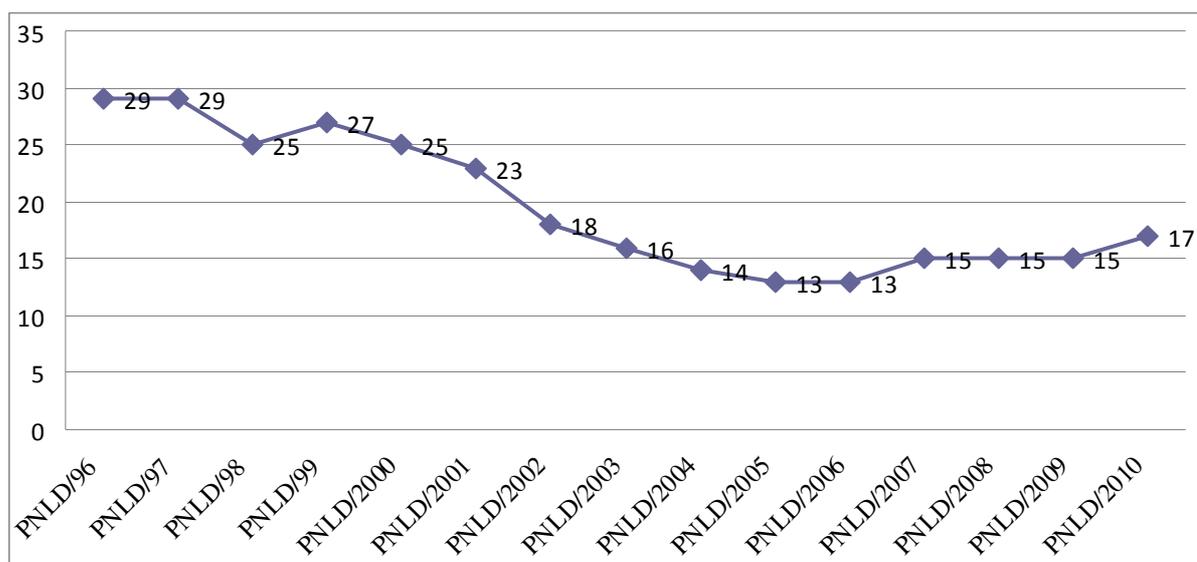


Gráfico 1 – Número de editoras participantes, entre as que tiveram livros aprovados, nos PNLDs de 1996 a 2010
 FONTE: dados disponíveis no site do FNDE (<<http://www.fnde.gov.br>>. Acesso em: 15/02/2012), organizados pelo autor.

A maior rigidez nas avaliações dos livros provocou mudanças nos grupos editoriais envolvidos na venda de livros didáticos, que passaram a uma maior profissionalização. Provavelmente esta maior rigidez do PNLD tenha contribuído para a também maior concentração de editoras participantes nos programas. Por sua vez, Cassiano (2007) argumenta que a concentração no mercado de livros didáticos já era uma realidade entre os anos de 1970 a 2000; porém, geralmente as editoras envolvidas eram de cunho

familiar, cujas trajetórias estavam atreladas à história daqueles que as criaram. Ainda de acordo com Cassiano (2007), devido às dimensões territoriais e à demanda da rede de ensino, poucas editoras têm a capacidade de divulgar seus livros didáticos nas diferentes regiões brasileiras e “[...] dificilmente alguma editora de porte pequeno ou médio tem recursos para disputar com igualdade o mercado brasileiro dos didáticos” (CASSIANO, 2007, p. 171).

Em nossa pesquisa, optamos por analisar as resenhas de 09 coleções de livros didáticos, que são as mesmas coleções de 2º ano do Ensino Fundamental que utilizamos para compor a amostra. São elas: *Aprendendo Sempre* (editora Ática), *Projeto Pitangüá* (editora Moderna), *Porta Aberta* (editora FTD), *Viver e Aprender* (Saraiva), *A Escola é Nossa* (Scipione), *Tantos lugares... tantas pessoas* (FTD), *Asas para Voar* (Ática), *Aprender Juntos* (SM), *Coleção Brasileira Geografia* (Companhia Editora Educacional). Nem todas as resenhas mostradas tratam do modo como as coleções apresentam a diversidade étnico-racial. Aqui exibimos trechos de algumas delas, que julgamos pertinentes para discussão.

A resenha da coleção *Aprendendo Sempre Geografia* (Ática) afirma que a coleção contempla plenamente a diversidade étnica, além de promover positivamente mulheres, negros e indígenas:

Os textos são articulados a imagens capazes de despertar a curiosidade e a criatividade do aluno. Contemplam plenamente a diversidade étnica da população brasileira e promovem a mulher, os afrodescendentes e os descendentes de etnias indígenas por meio de textos, ilustrações e indicações de leituras, sendo alguns dos textos sugeridos de autoria indígena (BRASIL, 2009, p. 28).

No instrumento de avaliação dos livros existem questões específicas relacionadas à participação de negros, mulheres e indígenas nos livros didáticos. Isso explica o porquê de muitas resenhas dedicarem, no mínimo, um parágrafo para explicitar como as coleções apresentam estes temas. No instrumento de avaliação, uma das questões é: “[a coleção está] isenta de preconceitos, ou indução a preconceitos, relativos às condições regionais, socioeconômicas, étnicas, de gênero, religião, idade ou outra forma de discriminação?” (BRASIL, 2009, p. 203).

A resenha da coleção *Porta Aberta* (FTD), entre aquelas contidas no Guia, foi a que mais teceu elogios a uma coleção. Mas faz ressalvas quanto à questão de gênero (mulheres):

A coleção contempla temáticas voltadas para a construção da cidadania, ressaltando-se as questões de gênero, que são abordadas parcialmente [...]. Conteúdos específicos relativos às populações indígenas e afrodescendentes aparecem com frequência, permitindo sua correlação com o processo de configuração do espaço geográfico brasileiro e contribuindo para a sensibilização dos alunos perante os problemas enfrentados por grupos diversos. Tais conteúdos também garantem maior apreensão da realidade multiétnica da sociedade brasileira (BRASIL, 2009, p. 67).

A ressalva justifica-se, pois uma das questões do instrumento de avaliação é relacionada à questão de gênero: “[a coleção] Promove positivamente a imagem da mulher, considerando sua participação profissional e em espaços de poder, por meio do texto escrito, das ilustrações e das atividades dos livros didáticos, reforçando sua visibilidade” (BRASIL, 2009, p. 203).

A resenha de *Projeto Pitangua Geografia* (Moderna) tece muitos elogios à diversidade racial e de gênero da coleção, afirmando que os negros são apresentados no processo de conquista do território e que a mulher está em diversos espaços de poder. O mesmo foi dito na resenha da coleção *Viver e Aprender Geografia* (Saraiva).

Selecionamos tais resenhas por serem de coleções pertencentes a grandes editoras que estão entre as que mais venderam livros ao PNLD/2010. Cabe afirmar aqui, que nenhuma resenha, entre as 22 coleções, criticou o modo de apresentação da diversidade étnico-racial das coleções.

Negros e brancos em livros didáticos de Geografia

Trabalhamos com 22 coleções de livros didáticos de Geografia; as 22 aprovadas no PNLD/2010. Selecionamos os livros de 2º ano do Ensino Fundamental para compor a amostra.

Utilizamos procedimentos de análise de conteúdo (BARDIN, 1985) e análise crítica do discurso para verificação das ilustrações. Fizemos tratamento dos dados

quantitativos obtidos com o auxílio do programa computacional *Statistical Package for Social Sciences 17* (S.P.S.S) para *Windows 7*.

Contamos 3217 personagens nas ilustrações dos livros da amostra. A maioria deles (98,8%) foi classificada como personagens humanos. A participação de personagens masculinos (57,9%) foi maior que a de femininos (33,8%). Personagens brancos foram 60% do total (1929), pretos 16,1% (517), pardos 4,5% (146), indígenas 5,2% (167), amarelos 2,8% (89), personagens de grupo multiétnico 3,9% (127), personagens de outras cores/etnias 2,3% (74), e como personagens indeterminados (que não se encaixavam em nenhuma das categorias utilizadas) 5,2% (168).

Considerando pretos e pardos como negros, então temos um percentual de 20,6% de personagens negros na amostra. Contamos em taxa de branquidade 2,9 personagens brancos para cada personagem negro. Esta taxa é menor que a encontrada por Silva (2005) entre as ilustrações de personagens de livros de Língua Portuguesa editados no período de 1994 a 2003; de 3,9, ainda que esteja distante de representar a participação de negros e brancos na população brasileira⁶.

Já podemos argumentar que o otimismo das resenhas quanto à participação da população negra nos livros não tem sustentação quantitativa, uma vez que a proporção de personagens brancos é muito maior que a de personagens negros, o que é uma naturalização (THOMPSON, 1995) dos personagens brancos como representantes da espécie humana. Interpretamos que isso resulta da ideia, equivocada, de que os negros são minoria em termos populacionais.

Por outro lado, o otimismo das resenhas pode estar relacionado à participação de personagens negros e brancos nas capas dos livros didáticos de cada coleção. Nos livros da amostra, a distribuição de cor-etnia ficou assim para os personagens da capa: 8 personagens brancos (26,7%), 9 pretos (30%), 1 indígena (3,3%), 2 amarelos (6,7%) e 10 indeterminados fenotipicamente (33,3%). Descartando os resultados para os personagens de cor-etnia indeterminada, temos 20 personagens, sendo 40% brancos, 45% negros, 5% indígenas, e 10% amarelos. Se fôssemos julgar os livros de Geografia de 2º ano do Ensino

⁶ Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, a população negra (pretos e pardos) correspondia a 50,7% da população brasileira, enquanto a declarada branca correspondia a 47,7%. Foi a primeira vez na história dos censos do IBGE que a população negra superou o percentual da população branca (Fonte: IBGE, 2011. Dados disponíveis em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 20 ago. 2011).

Fundamental quanto à representação racial apenas com relação aos personagens das capas considerando apenas os 20 personagens com cor-etnia determinada, poderíamos dizer que eles refletem a composição racial da população brasileira e, de certo modo, promovem positivamente a imagem dos afrodescendentes, como exige o edital de livros didáticos de 2010 (BRASIL, 2007). A taxa de branquidade foi menor que 1 (0,88 personagens brancos para cada personagem negro). Entretanto, conforme apresentamos nos resultados da amostra como um todo, isso não ocorre.

Apresentamos a distribuição dos personagens brancos e negros da amostra de acordo com o livro analisado e com a taxa de branquidade sintetizados na tabela 1. Com o auxílio da tabela, podemos constatar que o livro que teve o maior número de personagens, *Asas para Voar*, foi o que apresentou a maior taxa de branquidade. Contamos 5,4 personagens brancos para cada personagem negro neste livro. Considerando a participação de personagens brancos no total de personagens de cada livro analisado, verificamos que, de 9 livros, 5 apresentaram uma participação de personagens brancos de mais de 60% do total. No caso dos personagens negros, os livros em que percentualmente tiveram maior participação amostral foram *Aprender Juntos* e *Porta Aberta*, ambos com 29,8% de personagens negros. Em nenhum dos livros a participação de personagens negros foi maior que 30%. Com exceção das capas, então, o edital dos livros didáticos de 2010 (BRASIL, 2007), que determina que as ilustrações devem atender adequadamente à diversidade étnica da população brasileira, não foi cumprido pelos livros de Geografia.

Tabela 1 - Percentual de personagens brancos e negros e taxa de branquidade, por livro, na amostra

Livro	Total de personagens contados	Cor-etnia				Taxa de branquidade
		Branços		Negros		
		N	%	N	%	
A Escola é Nossa	287	192	66,9	36	12,5	5,3
Aprender Juntos	360	168	46,7	107	29,8	1,5
Aprendendo Sempre	236	89	37,7	50	21,2	1,7
Asas para Voar	875	641	73,3	118	13,4	5,4
Coleção Brasileira	266	166	62,4	74	27,8	2,2
Porta Aberta	355	216	60,8	106	29,8	2
Projeto Pitangüá	416	251	60,3	82	19,7	3
Tantos Lugares... tantas pessoas	192	96	50	26	13,5	3,6
Viver e Aprender	230	110	47,8	64	10,5	1,7

FONTE: dados organizados pelo autor.

Porta Aberta foi o livro mais elogiado pela resenha; entretanto, sua taxa de branquidade foi 3,6, maior que a média da amostra (2,9). No caso de *Projeto Pitangüá*, a taxa de branquidade foi quase a mesma da amostra. Já para *Aprendendo Sempre*, que foi elogiado pela resenha, a taxa de branquidade foi a segunda menor da amostra, junto do *Viver e Aprender*. Ainda assim, não podemos dizer que o livro contempla plenamente a diversidade racial brasileira.

No atributo sexo, verificamos que a taxa de branquidade entre os personagens femininos foi maior que entre os personagens masculinos: contamos 3,4 mulheres brancas para cada mulher negra (foram 745 brancas e 214 negras), enquanto que, entre os homens, contamos 2,6 homens brancos para cada homem negro (foram 1137 brancos e 430 negros). A participação de homens foi maior nos dois grupos de cor, quando comparada à de mulheres, sendo significativamente maior no caso dos homens negros em comparação às mulheres negras.

A resenha de *Porta Aberta* aponta que esta não satisfaz a diversidade de gênero exigida pelo edital. De acordo com nossa amostra, nenhum dos livros satisfaz, já que a proporção de homens foi sempre maior que a de mulheres. Mais do que isso: quem está em maior desvantagem nos livros didáticos é a mulher negra.

A tabela seguinte (tabela 2) apresenta, de maneira sintética, a distribuição de personagens da amostra de acordo com as editoras. Duas delas tiveram dois livros analisados na amostra: Ática e FTD. A editora Ática, com seus dois livros (*Aprendendo Sempre* e *Asas para Voar*) correspondeu a quase um terço dos personagens presentes em toda a amostra. A taxa de branquidade desta editora (4,3 personagens brancos para cada personagem negro) foi a segunda maior da amostra (fica atrás da taxa de branquidade da editora Scipione). Considerando que as editoras Ática e Scipione fazem parte de um mesmo grupo editorial com relação ao Grupo Abril, podemos dizer que tem a maior taxa de branquidade da amostra. Somando os personagens negros e brancos das duas editoras, a taxa de branquidade é igual a 4,5 personagens brancos para cada personagem negro. A participação de personagens brancos é de 65,8% dos personagens dos livros da editora Ática e 66,9% do livro da editora Scipione (*A Escola é Nossa*).

Tabela 2 – Percentual de personagens brancos e negros e taxa de branquidade, por editora, na amostra

Editora	Livros	Total de personagens contados	Cor-etnia				Taxa de branquidade
			Branços		Negros		
			N	%	N	%	
Ática	Aprendendo Sempre Asas para Voar	1111	731	65,8	168	15,1	4,3
Companhia Editora Nacional	Coleção Brasileira	266	166	62,4	74	27,8	2,2
FTD	Porta Aberta Tantos lugares... tantas pessoas	547	312	58,7	132	24,1	2,3
Moderna	Projeto Pitangua	416	251	60,3	82	19,7	3
Saraiva	Viver e Aprender	230	110	47,8	64	10,5	1,7
Scipione	A Escola é Nossa	287	192	66,9	36	12,5	5,3
SM	Aprender Juntos	360	168	46,7	107	29,8	1,5

FONTE: Planilha 2 – atributos dos personagens nas ilustrações

Os livros da editora Ática e da editora Scipione, os que mais apresentaram personagens em ilustrações, pouco espaço deram para personagens negros. De fato, a participação branca entre os personagens dos seus livros (65,8% e 66,9% respectivamente) mostra que o branco é tomado como modelo de leitor e de humanidade, o que Giroux (1999) descreve como branquidade normativa, em um processo de *naturalização*

(THOMPSON, 1995) dessa condição. Ao mesmo tempo em que a pouca presença de negros contribui para a *estigmatização* (ANDRADE, 2004) desse grupo racial. Interessante notar que, nos livros das editoras que apresentaram menor taxa de branquidade, SM e Saraiva, com taxa menor que 2, estiveram entre aqueles que apresentaram menor número de personagens em ilustrações. Isto sugere que um livro com muitas ilustrações não necessariamente estará na direção de uma diversidade entre os personagens ilustrados.

Considerações Finais

Tendo como ponto de referência o próprio edital do livro didático de 2010, podemos afirmar que os livros didáticos de Geografia, em suas ilustrações, ainda tratam personagens negros e brancos de maneira desigual. O edital do PNLD de 2010 determina que as ilustrações devem reproduzir adequadamente a diversidade étnica da população brasileira, mas, na amostra analisada, isto não ocorreu. Mesmo com a prescrição explícita sobre a necessária promoção positiva da imagem de afrodescendentes e da cultura afro-brasileira, além da abordagem da temática das relações étnico-raciais (BRASIL, 2007, p. 31), o que observamos foi o desrespeito aos critérios estabelecidos pela política educacional de livros didáticos. Ou seja, estabelecer prescrições no próprio programa não foi suficiente para determinar transformações nos livros.

Se o próprio edital não foi seguido, a exigência de cumprimento da lei 10.639/03 parece também ter sido desprezada. Considerando os livros didáticos de Geografia, em poucas oportunidades os negros ou o continente africano apareceram de maneira positiva – ou sequer apareceram. Não houve praticamente valorização da história e cultura do povo afro-brasileiro. Tratando-se de livros dedicados à aprendizagem de saber científico introdutório, poucos personagens negros foram apresentados como construtores do saber científico, diferentemente dos personagens brancos; ao mesmo tempo em que os negros foram os personagens preferenciais na ocupação de espaços de miséria, ao contrário dos personagens brancos. Isto preocupa, principalmente considerando que a própria avaliação do PNLD considerou que os livros atendiam às demandas de diversidade étnico-racial. Considerando as editoras envolvidas na venda de livros, que buscam repetir o que já é confirmado oficialmente como de qualidade, a perspectiva de mudança no quadro atual parece remota.

Formas diversas de hierarquização entre brancos e negros, na análise empreendida, foram interpretadas como expressão de estratégias ideológicas, conforme definidas por Thompson (1995). Consideramos que as formas simbólicas em contextos específicos atuaram de modo a *estigmatizar* os personagens negros em contextos de miséria. A pesquisa de Leite (2008 [1950]) já falava que os negros estavam em espaços subalternos nos livros didáticos. Atualmente, mais de meio século depois dos estudos deste autor, os negros ainda tendem a ser utilizados como representantes da humanidade em situações de miséria nos livros didáticos de Geografia (ver ROSEMBERG; BAZILLI; SILVA, 2003; TONINI, 2001; COSTA e DUTRA, 2009; RATTI et al., 2007; RODRIGUES e CARDOSO, 2010; ZAGO, 2011; MOTA, 2011 e SANTOS, 2012); ou seja, os discursos tendem a *naturalizar* as situações de vantagem social como espaço peculiar aos brancos, e desvantagem como espaços reservados a negros. Em alguns contextos, como as capas dos livros didáticos, as formas simbólicas atuaram de modo a **dissimular** as desigualdades existentes entre personagens brancos e personagens negros nos livros, isto é, ocultando tais desigualdades. A *naturalização* dos personagens brancos como signo da humanidade foi observada em vários contextos, o que atuou como **reificação**, o tratamento de situações como se fossem atemporais e imutáveis.

Referências

ANDRADE, Leandro F. **Prostituição infanto-juvenil na mídia: estigmatização e ideologia**. São Paulo: Editora da PUC – SP (EDUC), 2004.

APPLE, Michael W. **Trabalho docente e textos: economia política das relações de classe e de gênero em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1985.

BRASIL. **Edital de convocação para inscrição no processo de avaliação e seleção de obras didáticas para o programa nacional do livro didático - PNLD 2010**. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2007.

_____. **Guia de livros didáticos: PNLD 2010: Geografia. Séries/anos iniciais do ensino fundamental**. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2009, 216p.

BRASIL. **LDB**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 5. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. **O mercado do livro didático no Brasil: da criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) à entrada do capital internacional espanhol (1985 a 2007)**. (Tese de Doutorado em Educação – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) 2007. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5304>. Acesso em: 18 nov. 2010.

COSTA, Raphael L. Silva; DUTRA, Diego F. A Lei 10639/2003 e o ensino de Geografia: representação dos negros e África nos livros didáticos. **ENPEG** – 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. De 30 de agosto a 02 de setembro de 2009, Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/eixo3.htm>>. Acesso em: 18 nov. 2010.

GIROUX, Henry A. Por uma pedagogia e política da branquidade. (Trad. Clara Colotto). **Cadernos de pesquisa**, n.º107, p.97-132, jul.1999.

GONÇALVES, Ana T. Marques. Aprendendo com os livros didáticos: um breve depoimento. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Livros didáticos de História e Geografia: avaliação e pesquisa**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006, p.141-148.

GUARESCHI, Pedrinho A. Ética e ideologia. In: GUARESCHI, P. A. (Org.). **Os construtores da informação: meios de comunicação, ideologia e ética**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GUIMARÃES, Antônio S. A. **Racismo e antirracismo no Brasil**. Tese. Universidade de São Paulo, 1997, 248p.

LEITE, Dante Moreira. Preconceito racial e patriotismo em seis livros didáticos primários brasileiros. In: LEITE, Rui Moreira (Org.). **Psicologia diferencial e estudos em educação**. São Paulo: Editora UNESP, 2008, p. 209-237.

MOTA, Edimilson A. Raça e etnia no livro didático de Geografia: perspectivas para um ensino da educação das relações etnicorraciais. **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011**. Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308365161_ARQUIVO_CO_NLABARTIGO.pdf>. Acesso em: 07 out. 2013.

PAIXÃO, Marcelo; ROSSETTO, Irene; MONTOVANELE, Fabiana; CARVANO, Luiz M. (Org.) **Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil; 2009-2010** Constituição Cidadã, seguridade social e seus efeitos sobre as assimetrias de cor ou raça. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

RATTS, Alecsandro et al. Representações da África e da população negra nos livros didáticos de geografia. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, v. 8/9 n. 1 p. 45-59, 2006/2007.

RODRIGUES, Maria A. C. N.; CARDOSO, Eduardo A. A desconstrução do papel social do negro presente nas imagens e representações no livro didático de História e Geografia. In: III SEMINÁRIO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA E CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS E INDÍGENAS. **Anais...** Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2010.

ROSEMBERG, Fúlvia; BAZILLI, Chirley; SILVA, Paulo V B. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, jan./jun., p. 125-146, 2003.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é racismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SANTOS, Wellington O. A diferença banalizada: discursos de inclusão do negro em livros didáticos de Geografia. **CIEPG – 4º Congresso Internacional de Educação, Pesquisa e Gestão**. ISAPG – Instituto Sul Americano de Pós-Graduação, Ensino e Tecnologia, Ponta Grossa, de 08 a 10 de outubro de 2012.

SILVA, Paulo V. B. **Relações raciais em livros didáticos de língua portuguesa**. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005, 228p.

TELLES, Edward. **Racismo à brasileira**: uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

THOMPSON, John Brookshire. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.

TONINI, Ivaine Maria. Identidades étnicas: a produção de seus significados no livro didático de Geografia. In: **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd)**. Anais... Caxambu: ANPEd, 2001. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/24/tp1.htm#gt13>>. Acesso em: 17 nov. 2010.

ZAGO, Álvaro de Barros. A África no Livro Didático de Geografia. **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011**. Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <<http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares>> Acesso em: 21 fev. 2013.

RECEBIDO EM 05 DE MAIO DE 2013.

APROVADO EM 19 DE JULHO DE 2013.